

C. M. B.
BIBLIOTECAC.M.B.
Biblioteca

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O magno problema habitacional de Barcelos merece ser resolvido

O mundo vive uma época de expectativa, esperança que vai avolumando à medida que o tempo rola.

Em Barcelos, a expectativa, é filha de um anseio que germinou, naturalmente, na mente de cada chefe de família... possuir, modestamente, um lar seu.

Mas como? De que maneira?

É sobre estas incógnitas que o articulista pretende esclarecer a massa operária que lê, aprecia e divulga este «Boletim».

Num aglomerado fabril, em que o conjunto é uma força, e em que essa força superiormente dirigida é uma acção... e a disciplina na acção produz algo... creio que, se todos pensarem maduramente sobre o assunto, depois de desviadas certas tendências perniciosas de alguns, os operários da TEBE, poderiam, um dia, ter a sua casa, embora modesta. Mas como? Esperem! Não tenham pressa! Já vamos dizer como...

Em 800 operários, vivamente conscientes da alta função dum sacrifício colectivo... a acção redundaria não somente no que ficará escrito mas naquilo que ultrapassará o que se disser.

Se cada operário descontasse X por semana (10\$00 por exemplo), ao fim do mês seriam 40\$00, logo 40\$00 x 800 operários obter-se-ia a linda soma de 32.000\$00 que, multiplicada por 12 meses, redundaria em 384.000\$00.

Esta verba acrescida dum empréstimo feito pela Caixa de Previdência poderia ser o suficiente para, num curto prazo de anos, se constituir em Barcelos, ou suas proximidades, um aglomerado populacional que viveria feliz, alegre e confiante no futuro.

Evidentemente que as casas a construir seriam sorteadas, e os felizes (pois seriam alguns) passariam a viver em propriedade sua.

Sim! A casa seria deles logo que a pagassem totalmente.

Quer dizer, o operário a quem a casa saísse passaria, naturalmente, a descontar os mesmos 10\$00 por semana acrescidos de mais Y, e ambas as verbas to-

Por AQUILES D'ODA

Especial para o «Boletim Social da TEBE»

talizariam uma renda económica e, portanto, acessível.

E, de ano para ano, o volume de casas aumentaria na razão directa dos contemplados.

Por outras palavras, cada operário seria o arauto dos benefícios colhidos, pois as verbas descontadas para o efeito reverteriam integralmente para a diminuição do seu débito.

Evidentemente que estou a limitar os raciocínios e de tal modo, que prescindindo de uma série de proporções para possíveis e mais concretos esclarecimentos.

Entretanto devo acrescentar que este plano de realizações, além de simpático, está a merecer certo carinho e estudo das partes patronais, que encaram o problema com grande cuidado e imprescindível estudo.

Por outro lado, a voz do Excelentíssimo Senhor Ministro das Corporações tem feito eco do intento dos governantes que desejam fomentar, decididamente, este magno problema de construções que, além de benéfico para o operário, não deixa, por muitíssimas razões, de

O pensamento do mês

O LAR

O lar doméstico é a fonte de todas as virtudes sociais, e nele se guarda, como num santuário, o germe de todos os feitos grandes e heróicos.

Flores

não interessar aos dirigentes das Empresas. É bom de ver porquê.

Está provado hoje que a produtividade dum operário está, indiscutivelmente, na razão directa do seu optimismo.

Um operário contente, ou um operário alegre... é um bom operário, pois o seu amor à vida avoluma na ansiedade de o transmitir à família, parcela sagrada do seu eu e da sua fêria.

O assunto deste desprezioso artigo é tão importante que, embora enquadrado nos limites das minhas possibilidades de engenho, merecerá do espírito de todos o cuidado dum meditação, que trará até nós algumas ideias que certamente mais beneficiarão futuros artigos sobre este assunto.

Sim! Hoje apenas trocamos algumas impressões com o leitor para, posteriormente, com prudência, paciência e abnegação forjarmos os alicerces sobre os quais assentará a acção verdadeira.

Entretanto «o génio inventivo caracteriza-se exactamente por se aperceber destas relações que há séculos escapavam a milhões de homens».

Quer dizer, por outras palavras mais rasteirinhas, a «última palavra surgirá, como é óbvio» depois de vários, longos e inteligentes estudos, como por exemplo: local das edificações, compra de terreno a um preço comportável, etc., etc... um mundo de pequenas coisas, mas que merecem uma metódica experimentação de hipóteses.

A exiguidade duns tantos serve, quantas vezes, para encurtar a acção de uns outros.

Que todos se unam e formem um conjunto indispensável a bem de cada um. E só assim, unidos, e inteligentemente orientados poderão assegurar um lar humilde, mas honrado, para cada chefe de família, que ainda se orgulha de ser português.

Disse um dia um deputado da nação: «As intenções têm sido generosas e louváveis e eu não me esforço em lhe prestar a homenagem devida. Mas os factos são, em muitos casos, autênticos

O Snr. Dr. Marcelo Caetano fala da

Perseverança no Presente e Confiança no Futuro

(Continuação do n.º 49)

Se a Europa se unir não lhe faltarão condições naturais, nem económicas, nem intelectuais, para voltar a ser ouvida e respeitada neste mundo onde parece estar a ser de regra o amotinamento contra tudo o que é pensamento ou interesse europeu

A crise do Suez mostrou claramente que já não existem nessa Europa grandes potências capazes de sustentar uma política própria em face dos dois grandes Estados entre os quais se encontra. E, todavia, se a Europa se unir não lhe faltarão condições naturais, nem económicas, nem intelectuais, para voltar a ser ouvida e respeitada neste Mundo onde parece estar a ser de regra o amotinamento contra tudo o que é pensamento ou interesse europeu.

Deixaremos então perecer a Europa — este continente ao qual a civilização moderna deve o que tem de mais precioso na Filosofia, e na Arte, na Ciência e na Técnica, e do qual irradiaram para o resto do orbe, generosamente, as concepções, as invenções e as formas de vida que os outros povos hoje utilizam, mesmo quando dela desdenham?

A Europa é um espírito. Mas nenhum espírito pode subsistir nesta condição terrena, que é a nossa, sem um envólucro, uma base material

É certo que o que individualiza a Europa é a sua Cultura, o seu espírito portanto. A Europa é um espírito. Mas nenhum espírito pode subsistir nesta condição terrena, que é a nossa, sem um envólucro, uma base material. Se a independência das Nações me parece indispensável à manutenção do espírito europeu, já que na diversidade das tradições e na pluralidade das maneiras e dos estilos que resultam dos particularismos nacionais tem a cultura ocidental haurido o melhor da sua riqueza humana, nada impede que os Estados europeus colaborem mais intimamente entre si na prosse-

desapontamentos, que eu também não posso calar.

Deixemos pois as palavras e aguardemos que os factos surjam na razão imediata dum interesse colectivo.

Temos uma alma e possuímos uma inteligência... para sermos felizes precisamos duma casa.

Barcelos, Outubro de 1957.

cução de fins comuns, pondo ponto a velhas rivalidades que só têm concorrido para as suas dificuldades presentes.

A actual comunidade dos Seis tem uma população à roda dos 170 milhões de habitantes e o seu comércio externo representa $\frac{1}{5}$ do valor do comércio mundial. A sua produção de carvão é um sétimo da produção de todo o Mundo, e produz a quinta parte do aço também em relação à produção mundial.

Estamos, portanto, perante uma realidade muito séria e que seria imprudente desconhecer.

A Inglaterra não viu de início com simpatia o movimento da Comunidade Europeia. Mas ao verificar que a Comunidade do Carvão e do Aço era um facto firmado com ela, em Dezembro de 1954, um tratado de associação, mantendo-se embora estranha à organização em si, junto da qual se limitou a acreditar um Embaixador.

Agora, quando se afirmou a constituição da Comunidade Económica, não tardou a ver que o ficar estranha a esse grande mercado do centro da Europa com as suas exportações sujeitas à pauta comum dos Seis países, enquanto os produtos destes circulariam livremente no vasto território da União, poderia representar um perigo enorme para o seu comércio externo e para sua própria indústria. Mas a Grã-Bretanha tem compromissos com a Comunidade Britânica à qual a liga o sistema imperial de preferências: não lhe erá, pois, possível entrar numa União Aduaneira envolvendo uma pauta única aplicável sem discriminação a todos os países dela excluídos.

Foi esta a justificação aduzida para a opção pela fórmula da Zona de livre comércio, de que o nosso aliado se tornou campeão na Organização Europeia de Cooperação Económica. A Zona de Livre Comércio corresponde a uma associação de países que acordam em permitir a circulação de mercadorias entre os seus territórios sem obstáculos aduaneiros, mas conservando cada qual a liberdade de conceder aos Estados ou territórios estranhos à zona o tratamento pautal que bem entender.

Quer dizer: na união aduaneira os Estados associados adoptam, nas relações comerciais com terceiras potências, a mesma pauta, funcionando a união como um território aduaneiro único; ao passo que na zona de livre comércio os países que a constituem podem guardar, nas relações com o resto do Mundo, as suas pautas visto que as obrigações assumidas dizem unicamente res-

peito à liberdade de circulação dentro da zona.

Deste modo, e desde que a Zona europeia de livre comércio englobe os países da Comunidade Económica, a Grã-Bretanha poderá ter no continente europeu os caminhos abertos para o seu comércio e franqueará as suas fronteiras às mercadorias dos seus parceiros sem por esse facto ser obrigada a pôr de lado as obrigações que assumiu de receber sem ónus fiscais os produtos da Comunidade britânica.

Mas nesta altura a Grã-Bretanha reparou que 90% dos bens vindos para o seu território dos outros países da Comunidade britânica eram produtos alimentares. Se abrisse as fronteiras nas mesmas condições aos produtos da agricultura e da pesca do Continente europeu poria em perigo o seu comércio com a Comunidade britânica e falsearia o sistema de preferências imperiais. Então a Grã-Bretanha anunciou a sua decisão inamovível de apenas aceitar uma Zona de livre comércio industrial, com absoluta exclusão dos produtos agrícolas e, em geral, dos alimentares.

Aqui têm V. Ex.^{as} os dados fundamentais do problema em face do qual se tem visto o Governo português.

Temos de reconhecer a impossibilidade em que Portugal se encontra de aderir à zona de livre comércio em condições de completa igualdade com países europeus fortemente industrializados; o abandono da protecção aduaneira às indústrias portuguesas já existentes, antes da sua reorganização e de dar tempo a que esta se consolide, e a impossibilidade em que ficaríamos desde já de proteger novas indústrias a criar — poderiam dar um golpe mortal no esforço da industrialização do País

Antes de mais nada temos de reconhecer a impossibilidade em que Portugal se encontra de aderir à zona de livre comércio em condições de completa igualdade com países europeus fortemente industrializados, como a Alema-

nha, a Grã-Bretanha, a Bélgica, a Holanda, a França ou a Suíça. O abandono da protecção aduaneira às indústrias portuguesas já existentes, antes da sua reorganização e de dar tempo a que esta se consolide, e a impossibilidade em que ficaríamos desde já de proteger novas indústrias a criar — poderiam dar um golpe mortal no esforço de industrialização do País.

Seria uma aliança como a das panelas de fábula. Porque infelizmente não são muitas por ora as indústrias portuguesas que se encontram em condições competitivas com as dos outros países, condições agravadas em desfavor nosso pela reorganização técnica e comercial que os estrangeiros já estão a preparar nos seus países em vista do mais amplo mercado que o livre comércio europeu lhe vai proporcionar. Sem contar com o facto de fazer parte dos acordos a abolição de todas as práticas de protecccionismo não aduaneiro, algumas das quais, como a dos duplos preços, não são desforçáveis é certo, mas que determinaria também, por exemplo, a impossibilidade de concedermos qualquer preferência em função da nacionalidade dos concorrentes.

Por enquanto e não sabemos por quantos anos ainda, a nossa exportação é principalmente constituída por produtos devidos à agricultura.

E se a zona de livre comércio excluísse, como a Grã-Bretanha pretende, os produtos agrícolas, os quais por conseguinte continuariam a pagar direitos, — o resultado é que nós iríamos fabricar a nossa indústria, entregando o mercado nacional ao estrangeiro, sem ao menos termos compensação para a nossa exportação que, por enquanto e não sabemos por quantos anos ainda, é principalmente constituída por produtos devidos à agricultura.

(Continua no próximo número)

Este número foi Visado pela
Comissão de Censura

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

A Inauguração da Escola Técnica

FOI, no passado dia 29, que Barcelos viu realizada a sua alta e justa aspiração — a inauguração da Escola Industrial e Comercial.

Num ambiente festivo de regosijo o povo de Barcelos, unido num só sentimento, associou-se e compareceu, espontâneo e sincero, a aplaudir e agradecer àqueles que trabalharam e lutaram, se pode dizer, para conseguirem este benefício para a nossa Terra.

Centenas de rapazes, condenados a ficarem com os seus conhecimentos reduzidos aos da instrução primária, vêm, da instrução primária, vêm, assim, de momento, abrir-se-lhe as portas para um maior enriquecimento de cultura e aquisição de conhecimentos especializados da técnica industrial e comercial.

Não serão amanhã operários inexperientes ou empregados desconhecedores. Entrem, de futuro, prontos a assumir o encargo dum lugar, para o qual, se preparam com conhecimentos adequados.

A Escola Industrial e Comercial de Barcelos veio, pois, preencher uma lacuna enorme na vida do povo do concelho de Barcelos.

Os foguetes, a música, o entusiasmo da gente barcelense não foram mais que o eco dos sentimentos de alegria e gratidão da cidade inteira.

A cerimónia da inauguração revestiu-se de grande brilhantismo. No largo da Câmara Municipal toda a população aguardou, ansiosamente, a chegada do Reverendíssimo Arcebispo Primaz e de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Senhor Doutor Baltazar Rebelo de Sousa.

No Salão Nobre da Câmara Municipal realizou-se uma sessão solene, na qual usaram a palavra o Senhor Presidente da Câmara, Dr. Luís Novais Machado, que, deixando transbordar o seu natural contentamento, venceu o sentir de reconhecimento e o entusiasmo da cidade de Barcelos e do seu concelho por este alto benefício que o Governo da Nação se dignou conceder à boa gente desta cidade minhota.

Falaram também os Senho-

res Dr. Eurípedes de Brito, Dr. Adélio Campos e Dr. Mário Miguel Norton, que, congratulando-se com a criação desta escola, não deixou de vincar a necessidade de a ampliar ou melhor completar, com a já encantada Escola Agrícola de Barcelos, tão amplamente justificada por a intensa vida agrícola do vasto concelho de Barcelos.

Finalmente o Senhor Doutor Baltazar Rebelo de Sousa, exprimiu a sua intensa alegria por vir inaugurar este belo melhoramento a Barcelos, cidade que tão intimamente andou ligada à sua vida de menino. Disse sentir-se imensamente feliz por ter o ensejo de ver surgir um grande melhoramento mais, do Governo de Salazar, do qual não será preciso mais os homens falarem, porque dele falamos, no presente e testemunhamos, no futuro, os bairros, as pontes, os portos, as escolas, os liceus, as estradas, os monumentos nacionais, os museus e toda uma vasta obra de construções e de revigoração moral dum povo, o qual tem recuperado a consciência do seu valor, integrando-se em velhas tradições que deram um rumo novo à vida nacional.

As suas palavras foram aplaudidas por todos quantos o escutaram. Em seguida dirigiu-se para a nova Escola o Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz que a benzeu solenemente e Sua Excelência o Senhor Doutor Baltazar Rebelo de Sousa cortou a fita da entrada do edifício, entre palmas, foguetes e música que assim a gente da cidade exprimiu a sua alegria.

O *Boletim Social da TEBE*, não pode deixar de bendizer a criação desta escola, que é afinal destinada aos nossos filhos, e aos filhos de trabalhadores como nós que terão o seu futuro assegurado e poderão aspirar a um melhor nível de vida por que serão amanhã operários especializados com conhecimentos básicos sobre o mister que escolherem.

Por todos, obrigado, pois, aos que por esta escola trabalharam com entusiasmo e sem desfalecimentos.

Os artigos **TEBE** levam sempre o seu timbre como testemunho da sua garantia e perfeição.

Para seu próprio interesse e segurança exija sempre artigos **TEBE**.

Educação!

Por Mons. Ascânio Brandão

Que é educar?

Responde Mons. Dupanloup, um grande mestre: «É cultivar, desenvolver e excitar, polir e fortalecer todas as faculdades físicas, intelectuais, morais e religiosas no menino».

Enfim, é preparar um homem completo para a sociedade e, mais ainda, para a eternidade. É tarefa difícil e exige sacrifício e dedicação.

Entende-se por educação hoje apenas a cultura intelectual, um verniz de polidez social e uma boa cultura física.

«O homem moral, dizia José de Maistre, está formado aos dez anos, e se não o foi nos joelhos de uma mãe, será uma desgraça para toda a vida».

Se não há educação perfeita no lar, tudo perece desgraçadamente e nada se pode salvar.

Educar não é só dar instrução aos filhos, um diploma de formatura, um emprego, um meio de vida material. Nem é formar só robustos atletas pela educação física. Tudo isso é necessário, sim, muita vez, mas não é tudo. É mister que se lembrem os pais que seus filhos têm uma alma remida pelo sangue de Cristo e destinada à vida eterna.

A educação integral abrange corpo e alma, inteligência e vontade, todo o ser.

Não é por falta de homens robustos, nem muito saber, que o mundo vai de mal a pior. Falta-nos hoje o carácter, falta dignidade, falta pudor, falta fé. De cultura intelectual e física o mundo está bem desenvolvido, mas o progresso tem trazido com muitas vantagens, muita decadência moral também.

Educar, pois, é formar o homem todo: corpo, pela educação física; inteligência, pela cultura intelectual; espírito e coração pela cultura moral e religiosa, sobretudo religiosa. Isto é educar.

No próximo número:

Fernando Ranito, um nome do oquei nacional.

Crise ou subida dos outros, crónica sobre o oquei português na actualidade.

O desporto, artigo de Valdemar Esteves.

Quando o desporto é mal praticado..., artigo de António Luís.

O Gil Vicente no nacional da II Divisão, crónica de Ribeiro Novo.

O Clube do mês. Actualidades oquistas.

Luís Fernandes Pinheiro

QUANDO a folhinha do nosso calendário indicava o dia 29 de Outubro, festejava-se o aniversário de um dos nossos mais estimados e mais queridos Chefes — o Snr. Luís Fernandes Pinheiro — sócio gerente da Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a — TEBE.

Pela sua formal conduta através de uma longa e proficiente vida familiar e de trabalho, ganhou jus à maior consideração e respeito por parte dos seus mais directos colaboradores e por todos que com ele privam. Espírito integro, conhecedor dos bastidores da organização comercial, nos seus múltiplos aspectos, não tem segredos a vida mercantil, a sua contabilização e escrituração.

Sempre pronto a atender um pedido justo e a satisfazer uma premente necessidade, sabe também impor uma disciplina rígida pelo que não é descabido considerá-lo como um modelo de orientador e coordenador.



Ex.º Sr. Luís Fernandes Pinheiro

Por isso os que mais de perto com ele trabalham, no convívio do escritório ou no armazém, desta grande colmeia que é a TEBE, não quiseram deixar passar esta data, sem lhe testemunharem numa maneira singela, íntima, mas verdadeiramente sincera e expressiva o muito respeito, estima e consideração que nutrem pelo seu querido Chefe, amigo e conselheiro e pedem a Deus que o conserve ainda junto de nós mais alguns anos, a fim de continuar a dar-nos os seus conselhos, que são verdadeiras lições de experiência e conhecimento da vida.

«Boletim Social da TEBE» faz votos para que esta data se repita e apresenta, na pessoa do seu director, os cumprimentos mais significativos.

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

«Boletim Social da TEBE»



Dirigida por Waldemar Esteves

Correcção e Desporto

Por FERNANDO RANITO

QUEM acompanha, seja que modalidade for, tem sempre a triste demonstração de que o termo «correcção» foi quase totalmente posto de parte, pelos que assistem e até pelos que a praticam. Público e Atleta deviam ajudar o Desporto, e afinal a sua contribuição é absolutamente negativa. Porquê?

Para quem se apaixonou pelo Desporto pelo que ele vale como escola de virtudes físicas e morais, tem de se sentir triste com o aspecto que este facto toma, para não ir mais longe, cá pelo Minho, no oquei em patins. E temos a impressão que um dos grandes males é a falta de amparo ao Atleta, a falta de quem lhe indique o caminho que deve seguir. Muitos procedem mal, pela simples razão de que nunca houve quem lhe mostrasse o erro. Têm noções erradas que, com o rolar dos tempos, mais se adensam e mais profundamente vão ganhando raízes no íntimo de cada um.

Por exemplo: todos os atletas deveriam ter sempre bem presente que quem se encontra num campo de Desporto, no nosso caso, num rinque de oquei em patins, ostentando as cores de um Clube Desportivo e defendendo portanto o nome dessa agremiação, ao praticar um acto menos desportivo, lesa a sua integridade de Atleta (Atleta com A grande... E dizemos isto porque hoje quer-nos parecer que os há mais com um *a* pequeno do que propriamente com um *A* grande), mancha o nome do Clube que representa, instiga o público adepto do seu grupo, ou pelo menos a maior parte dele, a comprometer o espectáculo, e por fim, prejudica a sua equipa, correndo o risco de ser expulso.

E posto isto, não acham que prevaricar dentro de um campo de Desporto é, além de tudo mais, um acto de uma ilógica extraordinária? Decerto que sim. Mas temos conhecimento de muitos que dizem: — «Então havemos de ir lá para dentro apanhar e calar?». E porque não, perguntamos nós? Será um rinque de oquei em patins o lugar mais propício para um indivíduo mostrar a sua virilidade?

Não, estimado leitor, antes pelo contrário; quem se utiliza desse meio para mostrar que não receia o próximo, revela uma inferioridade de espírito absolutamente lamentável. E o pior é que se conhecemos praticantes que falam assim (propositadamente dissemos praticantes e não atletas, reparem), também conhecemos, e não poucos, dirigentes e treinadores que seguem esta opinião, e isso então de lamentável, passa a condenável.

Um atleta deve ter sempre presente, antes do mais, que é um símbolo, e que está

Voltou o Futebol

DEPOIS de curto interregno regressou o futebol. Voltou a bola a saltitar nos estádios portugueses. De novo começou a ouvir-se o «broáá» das multidões que encerra gritos de incitamento, «ohs» de decepção, abraços e palmas que culminam as melhores jogadas e sobretudo aquele «gooooo» que é para uns a suma alegria e faz brotar a outros lágrimas de desespero.

Novamente, findos os jogos, os ajuntamentos nos cafés e esplanadas, em que se ouvem os «ses» referentes àquela jogada em que se aquele jogador fosse mais lesto, se fulano jogasse, se... se... «ses» estes que encerram a alegria e o drama vividos nos campos da bola.

Comentam-se o valor das novas aquisições com que os clubes se reforçaram; os «grandes» para manterem a sua força, os «pequenos» para não fraquejarem.

E Barcelos? Pelo que sabemos não houve aquisições. Bem? Mal? O futuro o dirá. Todavia não estamos muito optimistas, apesar de nos alegarem que os mesmos atletas tiraram na época passada um excelente 4.º lugar. Concordamos; mas a classificação do Gil Vicente na época transacta não seria similar à história do pobre que, estando a morrer de fome achou 10\$00 e comprou um bilhete de lotaria, o qual saiu premiado?

A. Luís

ali para representar uma massa associativa, o que o obriga a deixar fora do rinque, insistindo, só no nosso caso, os seus nervos e toda a sua possível animosidade contra A ou B. Aquele que não proceder assim, não tem lugar entre os que praticam Desporto.

E é aqui que entra em função o orientador da equipa. Se vê que um elemento, embora excelente praticante e um valor básico dentro do grupo, não reúne aquele mínimo indispensável de qualidades de ordem psicológica que lhe permita manter a calma em todas as emergências, então retira-o da equipa. Mas, dirão muitos, isso vai prejudicar a equipa! Pois sim, mas uma coisa beneficia de certeza: a causa do Desporto. E isso está em primeiro lugar. Nós, pessoalmente, quando vemos um jogador reincidente a praticar actos anti-desportivos, e ser expulso, só temos um pensamento: a culpa é de quem orienta a equipa, pois esse indivíduo já não devia fazer parte dela há muito tempo.

Mas ainda existe outra entidade capaz de ajudar a pôr nos seus sítios (para não fa-

(Continua na página 5)

Rescaldos da Época

Subimos ou descemos? — Disciplina — Arbitragens

COM o campeonato, terminou praticamente a época oficial da Associação de Patinagem do Minho.

Surge-nos uma pergunta:

— Subiu o nível técnico do oquei minhoto? Resposta difícil e ingrata. A evidência das equipas que subiram em confronto com as que pararam e mesmo descenderam, torna a nossa missão espinhosa, pois é susceptível a melindres. No entanto vamos dentro das nossas possibilidades e com a maior honestidade tentar dar uma resposta.

Das oito equipas concorrentes apenas três mostraram algo, quer pelas exibições que realizaram, quer pela intencionalidade do seu jogo, que as guindasse a plano de relevo. Esta percentagem já não nos dá muita margem a uma resposta lisongeira. De facto tanto o Guimarães como o Vianense e a TEBE, pois são elas (demonstraram no decorrer do campeonato) tanto, nos seus valores individuais, como pelo seu razoável nível técnico-táctico, as melhores equipas.

Podíamos também incluir o Famalicense pois tem bagagem suficiente para se bater de igual para igual com os clubes acima mencionados; porém o caminho por que os seus atletas enveredaram (violência), e o individualismo a sobrepor-se ao conjunto, não foram argumentos convincentes de melhoria, antes foram uma desilusão.

As restantes, praticando um oquei um tanto rudimentar e vivendo à custa de um ou outro elemento de maior valia, apresentaram-se demasiado frágeis. Demonstraram que no geral o oquei da nossa região não subiu.

Se no aspecto técnico o nosso oquei não fez grandes progressos, no factor disciplina foi lamentável. Lamentável por parte dos atletas que não se compenetraram nos mais elementares preceitos desportivos, perdendo o respeito por si próprios, pelo adversário e pelo público. Felizmente nem todos, mas uma grande parte não está inibida de culpas.

Quanto aos dirigentes, estes não tiveram pulso para reprimir a violência, punindo uns e não castigando outros em culpas idênticas, deixando que as coisas se alastrassem até dar origem a casos que em nada os significam nem à modalidade.

Uma época disciplinar para esquecer.

E arbitragens?... Simplesmente desoladoras. Ao aproximar-se o final da época, chegamos à conclusão que não temos na nossa região árbitros competentes. Duran-

«Parto com saudades... especialmente do Minho»

— diz Armando Veloso, ao ser entrevistado para o nosso «Boletim»

(Do nosso correspondente em Viana)

ANTES da sua partida para África, Armando Veloso foi alvo de uma justa homenagem por parte dos desportistas de Viana.

Veloso, que tanto tem contribuído para a expansão do oquei em patins, iniciou-se como praticante no Grupo Desportivo V. 8 em 1936, representando depois vários clubes. Em 1947 começou a arbitrar, sendo várias vezes internacional. Nesse mesmo ano, começou a sua carreira de técnico, e em breve foi chamado para seleccionador do Porto e do Norte.

«Boletim Social da TEBE» não deixou de estar presente, na merecida homenagem ao conceituado técnico e de registar algumas das suas impressões, a que ele amavelmente acedeu.

— Diga-nos Armando Veloso, estará o oquei português em crise?

— Está.

— Quais as suas causas?

— Já tanta gente o tem dito. O que interessa é fazê-lo subir.

— Manteremos o título mundial no próximo certame?

— Se for no Porto devemos ser novamente campeões.

— Concorda com os actuais moldes do Campeonato Nacional?

— Não; precisam ser revistos.

— Como surgiu a sua ida para a África?

— Coisas da vida.

— Satisfeito?

— Sim, por melhorar a minha situação; não, porque levo muitas saudades, especialmente da gente minhota.

— Conhece o oquei Ultramarino? Quais as suas possibilidades?

— Apenas o conheço por intermédio do S. N. C. I., mas pelo que vi e por aquilo que me contam, tem grandes possibilidades.

Levamos a conversa para o oquei da nossa região.

— Subiu o oquei minhoto?

— Este ano não — foi a resposta instantânea do nosso interlocutor. Quisemos saber as razões:

— Primeiro, diz-nos Veloso, falta de gente nova e com habilidade; segundo, os treinadores falam muito e trabalham pouco; terceiro e principal, a falta de disciplina que não abrange só os atletas mas tudo que diz respeito ao oquei.

— Que nos diz das arbitragens?

— Bastante fracas e sem critério, mas para isso contribuí quem nós sabemos. Ponham-se a dirigir pessoas que conheçam da modalidade e se verá.

— Quais as possibilidades das equipas minhotas na próxima fase?

— Em minha opinião não irão além da 3.ª eliminatória.

— Não tem pena de deixar a metrópole

te os jogos da Taça e do Campeonato apenas dois árbitros se mostraram capazes de desempenharem a sua missão a contento. Só dois!!! Que é isto? Como pode subir o oquei de uma Associação se esta apenas tem dois árbitros dignos de o serem para um mínimo de quatro desafios que se realizam por jornada?

Já atentaram nisto?

A. Luis

Correcção e Desporto

(Continuação da página 4)

larmos já nos Organismos Officiais do Desporto): são as Direcções dos Grupos.

Um praticante procede de modo a comprometer o prestígio do Clube que dirigem? Então suspenda-se o atleta, primeiro, e a título de aviso, temporariamente, em castigos progressivamente maiores, e depois, — se se vir que esse elemento é incorrigível, — indefinidamente, para defesa do prestígio da colectividade. O pior é quando esse mesmo prestígio interessa menos do que a projecção do clube...

Dissemos que no Minho o caso se passava assim, apenas por se tratar de um problema que quem nos lê conhece de perto, mas não há dúvidas que ele é português e até universal. É lançar uma vista de olhos aos últimos jogos Olímpicos disputados, lá longe em Melbourne. Até aí, infelizmente, o Ideal do Desporto foi posto de lado, para dar lugar às rivalidades políticas, muitas vezes compreensíveis — como neste caso, entre a Hungria e a U. R. S. S. — mas sempre imperdoáveis.

No Desporto não pode haver políticas, nem rivalidades pessoais. Servir-se dele como expressão de vinganças mesquinhas é tão condenável como demonstrativo de covardia.

É que o Desporto não é um meio que o homem tenha ao seu alcance para manifestar os seus bons ou maus sentimentos, não prezado leitor, ele é, acima de tudo, *um fim*, fim esse que só pode e deve servir para aproximar mais os povos e eliminar as dissidências ideológicas que os separam.

.....
Orientar o Praticante para o caminho de «primeiro correcção e depois o resto», é, quanto a nós, o dever uúmero um de quem dirige, seja treinador, seja dirigente dum Clube.

As Senhoras de bom gosto só usam

Malhas TEBE

e em especial o Minho, onde ultimamente tem exercido a sua actividade?

— Sim, muita pena, principalmente de Viana do Castelo.

— Não queríamos roubar mais tempo ao conhecido técnico, e disparamos a última pergunta:

— Se fosse seleccionador do Minho, como formaria a equipa?

Concentrando-se um pouco, Veloso diz-nos:

— Escolhia do seguinte lote de jogadores — Soteras, Ramiro e Filipe, do Vianense; Cunha Gonçalves e Magalhães, do Vitória; Zeca, do Taipas; Ranito e Carvalho, da TEBE; Andrade, do F. A. C.

Demos por terminada esta entrevista. Despedimo-nos de Armando Veloso com um abraço amigo e desejo de felicidade, enquanto intimamente lamentávamos a sua partida, pois com ela perde não só o oquei minhoto mas também o oquei Nacional um dos seus grandes técnicos.

Luciano Pereira

Taça «Fundos para o Vitória»

Eliminando o Oquei Clube de Barcelos por 4-2, o Clube Desportivo da TEBE foi batido na final pelo Vitória de Guimarães por 8-5

ORGANIZADO pelo Vitória de Guimarães, realizou-se naquela cidade um torneio em disputa da taça «Fundos para o Vitória», no qual tomaram parte, além do clube organizador, as três equipas barcelenses: TEBE, Oquei e Barcelinhos.

No primeiro jogo defrontaram-se os dois Vitórias, no qual os vimezanenses não tiveram dificuldade em vencer por 5-0.

Na outra eliminatória (TEBE-Oquei), num desafio fraco, o Clube Desportivo da TEBE venceu por 4-2, ficando qualificado para a final.

Dada a forma como actuara anteriormente, parecia que o Clube Desportivo da TEBE seria presa fácil do Guimarães. Engano. Ou porque os tebibistas jogassem contra o Oquei com excesso de confiança, ou pelo facto da equipa que iam defrontar ser mais forte, obrigando por consequência os seus atletas a empregarem-se mais a fundo, o despique TEBE-Guimarães foi emocionante. A oscilação do marcador (até aos 5-5 foi no jeito de: agora marcas tu, agora marco eu) a exibição de ambas as equipas e a energia empregada tornaram esta final que se vislumbra *feia*, agradável. Marcando o sexto golo no momento H, faltavam 8 minutos para o final, o Vitória acabou por vencer por 8-5.

Nomes? Para quê uma vez que todos os jogadores deram o melhor do seu esforço, pois, quer de um quer de outro lado, imperou sobretudo o espírito de equipa.

Jone & Tone

FEZ-SE JUSTIÇA

A F. P. de Patinagem, julgou procedente um recurso que lhe foi apresentado pelo CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

QUANDO na noite de 19 de Junho assistimos ao encontro FAC-TEBE a contar para o Campeonato Regional grande foi a nossa surpresa ao verificarmos que na equipa famalicense alinhava Pica. Estranhámos porque, o referido jogador havia sido castigado em 4 jogos e ainda lhe faltava cumprir um, pois os outros haviam sido *descontados* numa taça organizada pelo FAC, e que a A. P. M. dera como oficial.

O Clube Desportivo da TEBE protestou o jogo. Passados que foram dois meses, já o campeonato havia terminado, a A. P. M. depois de muito instada pelo Clube Desportivo da TEBE deu o referido protesto como improcedente não alegando as mínimas razões para tal resolução. Imediatamente foi apresentado um recurso à Federação Portuguesa de Patinagem, a qual deu como deferido o recurso apresentado, pois a A. P. M. ao contrário do que fez, não tem poder para oficializar torneios organizados por clubes; *tal poder somente pertence à Federação.*

Os resultados da atitude impensada do elenco directivo da Associação minhota recaem sobre o Famalicense. Este clube que estava apurado para a final vê-se preterido pelo Académico de Braga, subindo o Clube Desportivo da TEBE ao segundo lugar descedendo o Vianense para o 3.º posto.

Jone & Tone

AS TRÊS RADIOACTIVIDADES

A título de divulgação vamos fornecer elementos elucidativos das três radioactividades.

Para o efeito transcrevemos na íntegra «As três radioactividades» do livro «A Bomba H princípio ou fim?» da autoria Charles-Noël Martin:

À sua chegada ao mercado, o grupo do Prof. Yasushi Nishiwaki, que se tinha munido de contadores detectores de radiações *beta* (emissão de electrões pelos núcleos) encontrou-se com um outro grupo que acabava de medir a radiação *gama*. Recordemos rapidamente que há três tipos de radiações, chamadas *alfa*, *beta* e *gama*. A primeira consiste na emissão, pelos núcleos pesados, de um núcleo de hélio, *helião* (dois protões e dois neutrões); os *heliões* são emitidos com uma velocidade de vinte a trinta mil quilómetros por segundo, a sua penetração no ar não excede alguns centímetros e, praticamente, não penetram a pele do homem. A radioactividade *beta* é uma emissão de electrões com energias variáveis, compreendidas entre zero e alguns milhares de electrões-volt, a sua penetração no ar também é muito fraca — algumas dezenas de centímetros — e no corpo humano ela é superficial mas muito perigosa. Finalmente, a radioactividade *gama* é uma radiação electromagnética, como a luz e o calor ou as ondas hertzianas, mas o seu comprimento de onda é extremamente curto e a sua energia maior que a dos raios X, que atravessam o corpo humano.

A radiação *gama* pode assim percorrer centenas de metros no ar antes de ser absorvida. É esta radiação que produz as mais graves lesões orgânicas, sob a forma de queimaduras de um carácter especial, visto serem internas, e aparecerem em toda a espessura do corpo, ao passo que as *alfa* e *beta* têm uma potência limitada e actuam apenas na periferia imediata, no ponto em que se encontra depositada uma pequena massa de isótopos emissores.

Os três tipos de partículas emitidas, partícula *alfa*, *electrão* (para a radioactividade *beta*) e *fotão* (para a radioactividade *gama*) provocam — apesar da grande diferença entre as respectivas natureza — lesões orgânicas por ionização, isto é, à sua passagem na matéria os átomos constitutivos encontrados perdem uma parte dos seus electrões e deixam de ser electricamente neutros. As acções entre moléculas são então profundamente modificadas e perturbadas todas as trocas químicas entre células.

A análise dos contadores detectores *gama*, em Osaka, a 16

de Março, não dava mais que vinte a quarenta toques por minuto, o que é pouco mais que o normal. Designa-se por número de toques-minuto o total de toques registados pelo contador, mostrando cada toque que uma partícula radioactiva acaba de atravessar este contador. Dizer que o contador marca quarenta toques por minuto significa que se deram quarenta desintegrações no detector.

Bem entendido, que o número real de desintegrações, em cada minuto, é muito maior, visto que só se contam as partículas emitidas na direcção do contador e que o atravessam.

Mas podem fazer-se medições relativas, mantendo o aparelho sempre à mesma distância e numa posição invariável em relação à amostra analisada.

Por outro lado, dizer que uma radioactividade é igual à normal significa que qualquer contador de Geiger-Muller regista sempre o mesmo número de desintegrações por minutos. Esta radioactividade ambiente é devida não só a alguns isótopos de vida excessivamente longa, como também à radiação cósmica. Incessantemente, temos em nós, e à nossa volta uma percentagem mínima de carbono 14, por exemplo, de que mais tarde falaremos. O potássio, que entra em pequena percentagem nos organismos vivos, tem o seu isótopo 40 radioactivo com um período da ordem de mil milhões de anos. O urânio e o tório, elementos relativamente abundantes na crosta terrestre, geram uma filiação de rádio-elementos em equilíbrio. Estas várias radiações podem ser assinaladas em qualquer momento; um contador de raios (*gamametro*) pousado no asfalto de uma rua, regista um ou dois raios *gama* por segundo; mas o mesmo aparelho, colocado no rebordo de um passeio de granito, passa a registar quatro ou cinco toques por minuto, o que se deve ao facto de o granito conter uma pequena quantidade de urânio.

A radiação cósmica, proveniente do espaço, provoca nas camadas mais altas da atmosfera violentas desintegrações nucleares, cujos fragmentos chegam ao nível do mar e provocam violentos toques nos contadores que atravessam.

Toda a meditação da radioactividade deve, portanto, ter em conta a quantidade normal da radioactividade ambiente: e é preciso descontar quinze a vinte toques por minuto provocados pelos isótopos ambientes.

Os artigos em Nylon fabricados na TEBE são de grande duração

Dois sonetos sob um tema de Arvers

*Há, dentro da minh'alma, um segredo escondido,
um mistério cruel, meu íntimo tormento:
este infinito amor nascido num momento
e que, fora melhor, logo houvesse morrido!*

*Muitas vezes pensei torná-lo conhecido
daquela que o gerou com o seu encantamento,
mas decidi viver num mudo sofrimento,
Sem jamais lhe falar neste amor proibido.*

*Deus a fez bela e pura e simples e bondosa...
Da vida seguirá o rumo, virtuosa,
alheia a esta paixão, que é inferno e dor p'ra mim...*

*E entretanto, eu sei, quando estes versos ler,
a si perguntará, sem nada compreender:
— «Quem é esta mulher, que alguém adora assim?»*

*Porque nos segredar, Amigo, assim a medo,
que esse infinito amor, em voss'alma nascido,
é amor sem esperança e condenado ao olvido,
se, quem o fez nascer, soube isso mesmo, cedo?*

*Ele não lhe passou nunca despercebido,
apesar de sujeito à mudez dum rochedo...
Às vezes, quem amou e fez do amor segredo,
passou na vida só... sem nada ter obtido!*

*Deus a cada mulher, deu um coração perfeito...
Toda a mulher entende uns passos a segui-la,
que despertam o amor na arca do seu peito...*

*A que — esposa fiel — foi em versos retratada
e, de novo, sentiu o amor a persegui-la,
leu-os, com emoção, mas fez que não leu nada!*

São Paulo (Brasil)

Versões livres de A. Jacinto Júnior

Aspectos folclóricos de Barcelos

Do livro «Encomendação das almas» de Margot Dias e Jorge Dias

«Nalgumas freguesias do concelho de Barcelos (v. g. *Faria, Silveiros, Rio Covo—Santa Eulália—Vilar, Pousa, S. Vicente d'Areias*) costumam nalgumas noites da quaresma *deitar as almas* ou *botar a loa*, como também lhe chamam.

«Dois homens, que tenham voz de trovão, percorrem as diferentes casas da freguesia a começar pela igreja: *batem com um calhau a cada porta*, depois tocam uma campainha, e começa um deles a entoar com voz de *stentor* a loa ou estribilho seguinte:

*Alerta, alerta, que a vida é curta e a morte é certa!
Juízo rigoroso, inferno para sempre, ai do preguiçoso!
Lembraí-vos das benditas almas do Purgatório com um
Padre-Nosso e uma Ave-Maria!*

«E logo seguem o seu caminho entoando alternadamente os Padre-Nossos e Ave-Marias do rosário, que devem compassar de modo que chegue para dar a volta a toda a freguesia.

«E de regra que se não saiba antecipadamente quem são os homens. Por isso eles combinam tudo em segredo e fazem por desfigurar a voz, e nalgumas das citadas freguesias usam de embudes ou funis, o que torna absolutamente impossível reconhecê-los.

«Em *Silveiros* andam mesmo embrulhados em lençóis, para que ninguém os conheça pelo fato.

«Em *S. Vicente d'Areias* é um homem só a entoar o rosário de cima de uma árvore muito alta, e metendo o citado estribilho no princípio de cada mistério.

«Nalgumas freguesias *as almas* não são na Quaresma, mas na noite que precede os *fiéis defuntos*» (1).

(1) António Gomes Pereira, *Tradições Populares de Barcelos*, Esposende, 1916, pág. 149. Citado por A. C. Pires de Lima e A. Lima Carneiro, *Ob. cit.*, pág. 12.

Aniversários «Boletim Social da TEBE»

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de OUTUBRO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Rosa Carvalho Rodrigues e Idalina Glória Dolores Arantes.

DIA 2 — Maria José Jesus Margarido, Maria Azevedo Gomes e Maria Arminda Sousa Dias.

DIA 3 — Maria do Carmo Duarte Simões, Silvino Pereira Magalhães e Rosa Gomes Silva.

DIA 4 — Loduvina Torres Carvalho.

DIA 5 — António Ricardo Lourenço e Maria da Conceição Costa Miranda.

DIA 6 — Mário Sousa Tavares, Joaquina Carvalho de Barros e João Abreu Silva.

DIA 7 — Jorge Sameiro Torres Carvalho, Maria Emília Miranda Sousa e António Francisco Silva Figueiredo.

DIA 8 — António Eduardo Apolinário Alves Baptista.

DIA 9 — Teresa Coelho Peixoto e Joaquim Gonçalves Duarte.

DIA 10 — Manuel Augusto Silva Pereira, Maria Isolete Lopes Machado, Maria de Fátima Santos Araújo e Maria Emília Silva Pereira.

DIA 11 — Ana Fernandes Durães, Diolinda de Vilas Boas Cunha e Joaquim Evangelista Silva Leal.

DIA 12 — Maria Ernestina da Costa Marinho, Miguel Cândido Ramos Gonçalves e Adelino Jesus Teixeira Santos.

DIA 13 — Angelina Felgueiras Arezes, Maria de Lourdes Ferreira Ribeiro e Teresa do Rosário da Costa Marinho.

DIA 14 — Margarida de Sousa Marques e Maria Helena de Oliveira Pereira.

DIA 15 — Ester Teixeira Veríssimo, Maria da Glória Amaral Miranda Arantes e Maria Carolina Correia Calheiros.

DIA 16 — José António Azevedo Lopes, Maria da Glória Santos da Cunha, Engrácia de Jesus Rodrigues e Bertelina Simões Lopes.

DIA 17 — Maria dos Prazeres Miranda Santos, Maria de Lourdes da Silva Gomes, Maria da Conceição da Costa Vilas Boas, Maria Balbina Ferreira da Silva e António Gomes Lima.

DIA 18 — Deolinda da Luz da Costa Magalhães, Emília Gomes Faria, Manuel Lopes da Silva, Magnífica de Jesus Santos Faria Silva e Augusto Cândido de Carvalho Amaral.

DIA 19 — Maria Arminda da Cruz Araújo, Domingos Coelho Peixoto e Maria Alzira Soares da Costa.

DIA 20 — Augusta Vitória da Silva, Maria da Glória Gandarela Vasques, Maria Adelina Gomes Miranda e Rosalina de Oliveira Pereira.

DIA 21 — Albina Noémia Ribeiro Santos.

DIA 22 — Albertina Vaz.

DIA 23 — José Monteiro.

DIA 24 — Maria do Carmo Simões, Maria Adelina Pereira Duarte, Maria dos Prazeres Santos Carvalho, Maria da Conceição Dantas Silva e Loduvina Alice Lopes Tavares.

DIA 26 — Maria Alice Pereira de Almeida e Maria Clotilde Gonçalves Loureiro.

DIA 27 — Miguel Azevedo Pereira Machado, Maria Paulina Cerqueira Alves, Ana Carvalho de Barros e Maria de Jesus Lourenço Rodrigues.

DIA 28 — Maria do Carmo Barros da Costa Freitas, Maria Gomes Barros de Mesquita e Manuel de Oliveira Lucas.

DIA 29 — Manuel José Pereira Miranda Cibrão e Maria José Rodrigues.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

mínio filipino e restauração. O século XVIII, invasões francesas e lutas liberais. Os séculos XIX e XX.»

O segundo, referente à Topografia citadina, consubstancia «Um passeio turístico pela cidade, tradições artísticas, notas de Urbanismo e de etnografia local. Viana antiga e Viana Moderna.»

O terceiro, que diz respeito aos arredores de Viana e às margens do Lima, desdobra-se em «Passeios — O monte de Santa Luzia, S. Francisco do Monte, Azenhas do D. Prior, minas do Fincão, Castelo Velho, a orla marítima, notas de etnografia regional e a Ribeira Lima.»

O quarto engloba os desportos e a cozinha regional, englobando especificamente «as excur-

«O Barcelense», de 21/9/57, referindo-se ao aniversário deste «Boletim», disse:

«Este nosso prezado colega local, órgão dos Trabalhadores da importante Fábrica Tebe, desta cidade, acaba de completar 4 anos de existência, apresentando um excelente número de 40 páginas, colorido e com diversas gravuras.

Para o seu ilustre e incansável Director, Snr. António Baptista, mimoso Poeta e inteligente Escritor, vão os parabéns de «O Barcelense».

O «Jornal de Barcelos» referiu-se ao aniversário do nosso «Boletim» nestes termos:

«Completo mais um ano de vida o nosso prezado colega «Boletim Social da TEBE» dirigido pelo nosso amigo Sr. António Baptista. Com um número especial, vistoso e bem colaborado, assinalou, este ano, o quarto aniversário do seu aparecimento. Felicitamos na pessoa do seu ilustre Director todos quantos trabalham no «Boletim Social da TEBE». Muitos parabéns.»

O «Jornal de Notícias», de 30/9/57, também se referiu ao nosso «Boletim» com as seguintes palavras:

«Entrou no 5.º ano da sua publicação o «Boletim Social da TEBE». O seu director, sr. António Baptista, tem sido incansável no espinhoso trabalho que vai levando a efeito.

sões desportivas — a pesca desportiva e recreativa — as possibilidades de alojamento e as especialidades locais em culinária, doçaria, frutas, vinhos, etc.»

A última parte refere-se à geografia política e económica que inclui a «superfície — demografia — produções — vias de comunicação — percursos turísticos — Água e luz — o porto Marítimo e fluvial — clima.»

Trata-se, como é bom de ver, de um livro destinado ao grande público, não só pela maneira simples e nova de tecer os assuntos, mas também e principalmente pelo ineditismo de girar as ideias com brevidade e limpidez.

Está de parabéns o autor a quem agradecemos a amável e imerecida dedicatória.

Aconselhamos a leitura desta manografia que veio, de certo modo, engrandecer o património etnográfico e literário de Viana do Castelo.

Outubro de 1957.

António Baptista

Oxalá que este «Boletim» se publique por muitos anos.»

«Boletim Social da TEBE» agradece as amáveis referências dos queridos colegas.

*

Da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, recebemos o seguinte penhorante ofício, que agradecemos:

«Ao festejar o «Boletim Social da TEBE» o seu 4.º aniversário, é com o maior prazer que cumprimento V., envolvendo nas minhas cordiais saudações não só os colaboradores desta excelente publicação, mas todos quantos trabalham na TEBE.

Para o «Boletim» vão os meus sinceros desejos duma longa e próspera vida, e para V. de novo os meus agradecimentos pela oferta do mesmo a esta Biblioteca, cujas colecções muito valoriza.

Com vivos protestos da mais elevada consideração, tenho a honra de me subscrever,

De V.

O Director da Biblioteca,

António Vitor Guerra»

*

Também a Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Braga, nos enviou o seguinte ofício, que agradecemos:

«Acuso recebido o V/ «Boletim Social», n.º 49 de Agosto findo, que penhoradamente agradecemos.

Com desejos das maiores prosperidades, subscrevo-me com elevada consideração.

A BEM DO DESPORTO

Pelo Secretário,

Manuel Adão Costa Cerqueira»

Pintor Gonçalves Torres

Foi com agrado que subemos que o nosso colaborador Gonçalves Torres foi colocado na Escola Industrial de Braga.

«Boletim Social da TEBE» endereça-lhe o seu cartão de parabéns.

As Malhas

TEBE

não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.

Livros Recebidos

MONOGRAFIA DE VIANA DO CASTELO — por José Grespo

O autor, pleno de uma experiência desenvolvida, envia-nos, agora, mais um primoroso trabalho: Monografia de Viana do Castelo, que o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo premiou no V concurso de monografias regionais.

Trata-se de um trabalho sério, que o autor dividiu em cinco capítulos. O primeiro, referente à História, engloba a «Viana pré e proto-histórica, a Idade Média, os descobrimentos, do-

Venturosa Campanha Pró-Alminhas

Evoca-se o Antoninho de outrora,

António Baptista de hoje

Este número comemorativo do 4.º aniversário deste mensal **Boletim Social**, primoroso e rico, é honra da TEBE e orgulho do seu director e fundador, o nosso bom e querido amigo desde os seus frescos catorze anos.

O nível do **Boletim**, em qualquer número, é elevado, com vincado pendor para a literatura, até mesmo em verso. O seu director revelou-se um poeta que sente e pensa os seus versos, que decerto lhe não **acontecem** ao jeito modernista, se bem que este cunho assinala predominantemente as suas produções em verso.

Conheço António Baptista desde a sua encantadora adolescência. Passava eu mais o inteligente e operoso missionário na Índia, no glorioso Padroado extinto, o Sr. P.º Salgado, fundador do colégio-liceu de S. Beda, em Madrastra, mais duas pessoas, em Pinhel, à tardinha dum formoso dia de Outono e paramos o automóvel para, abrindo o mapa, nos inteirarmos do número de quilómetros que era preciso percorrer para chegarmos a Trancoso, beirões ambas as povoações.

O Antoninho (sempre o haveria de tratar assim dali em diante) abandona um pequeno grupo de colegas ali perto e com presteza se acerca do carro, perguntando se queríamos alguma coisa.

— Que distância, menino, é a que nos separa de Trancoso?

— 36 km., responde sem hesitar. Mas o melhor é pernoitarem em Pinhel. É uma terra linda, com monumentos e paisagens que gostarão de conhecer, tem boa pensão onde poderão hospedar-se e lhes vou mostrar e garagem para recolher o automóvel. Não hesitem. Um dos senhores pode já vir comigo.

O simpático juvenzinho cativou-nos. Era um pouco tarde para avançarmos e tardio seria o jantar. Resolvemos ficar.

O Antoninho foi solícito, indo conosco à pensão, apresentando-nos e recomendando-nos. Depois foi levar-nos à garagem, onde deixamos o carro, que o P.º Salgado conduzia.

A pergunta nossa, enternecida e carinhosa, declinou-nos o nome e disse-nos ser aluno do colégio único da cidade.

Despediu-se para ir jantar a casa e que voltaria a aparecer-nos, após.

Assim sucedeu. Ainda a nossa refeição não acabara e o Antoninho voltava junto de nós, familiar, comunicativo, afável.

Cativou-me profundamente.

Quer-nos levar a casa dele. Insiste, vivamente empenhado. P.º Salgado, mercê de seus achaques e fadiga, desculpou-se e não acedeu. Iria deitar-se. Eu acompanhei o meu novo amiguinho, insinuante, espontâneo.

Dentro em pouco entrávamos em casa dos pais do Antoninho, que nos receberam, alegres, comunicativos. Até parecia um reavivar de antigas relações: amigos ausentes que voltaram ao abraço dos íntimos que ficaram, suspirando todos por um encontro efusivo, destruidor da amarga saudade.

No dia imediato, aparece-nos o Antoninho, de manhãzinha, na Igreja Matriz onde estávamos a celebrar. E foi nosso guia voluntário após o café. E não ficou recanto de Pinhel, que Antoninho não exaltasse, em estos de bairrismo sem igual. Cada vez mais e melhor me impressionava o Antoninho.

Foi forçoso despedir-nos. Não, porém, sem nos oferecer um cartucho de saborosas, fofas, doces e nevadas cavacas, doce regional de Pinhel.

Dizer que abraçamos e beijámos o Antoninho, com viva simpatia e já nutrida saudade é a pura verdade.

Deixamos-lhe cartões com nossos nomes e moradas.

Dali por diante jamais deixei, por largo período de anos de trocar frequente correspondência com o Antoninho. Ligávamos uma verdadeira amizade. E nem um, nem outro deve ter perdido com essa comunicação epistolar.

Mais tarde passamos outra vez, positivamente por ali gizando o passeio,

por Pinhel e fomos visitar a Família Baptista, a família do Antoninho.

Até uma lata de cinco litros de óptimo azeite, o paizinho, que era proprietário duma farmácia central, e tinha terrenos de cultura daquele precioso óleo, nos fez trazer no carro.

O Antoninho foi fazendo seus estudos e crescendo. Passaram-se os anos.

Com verdadeira surpresa e alegre alvoroço vim a sabê-lo, mais tarde ocupando o lugar que representa na **TEBE**, aqui vizinho, em Barcelos, do Minho, ele que eu conhecera beirão.

Surpresas sobre surpresas, estremecimento grato ao tomar conhecimento de que estava casado, era já pai de três filhinhos encantadores, era poeta e escritor.

Fui lendo o **Boletim Social da TEBE**,

e, a seguir, livros de versos que ia publicando e gentilmente me oferecia. A cultura, o gosto, a sensibilidade literária, o manejo fácil e suave da pena, a sua alma vibrátil, em que se reflectia o mundo e a vida, o porejante da mesma foram revelação, que, ao querer identificar o Antoninho de outrora, mo apresenta evoluído das qualidades em embrião que aquela alma encerrava e que, a seu tempo, germinaram, cresceram, floriram e frutificaram.

Aquele espírito recto e amante da verdade e da justiça, aquela alma naturalmente cristã, mas peremptoriamente afirmada, sem rebuço nem sofisma, até a preocupação de apostolado sadio entre a massa dos trabalhadores da **TEBE**, a perseverar-los ou a libertá-los de miasmas sociais, a pretender desenvolver neles a fé e a cultura religiosa, a par da inoculação do gosto literário e dos conhecimentos peculiares à sua condição social de filhos e pais de famílias cristãs e membros da grande e nobre classe operária, transformadora da matéria que Deus criou — tudo isto é António Baptista de hoje, apenas adivinhado no meu amiguinho Antoninho, de Pinhel, de outrora, que conheci menino e moço, sorridente, vivo, meigo e simpático, serviçal e bairrista, ao atravessar aquela região da Beira pela primeira vez.

Mas estas considerações vieram-me ao bico da pena, em digressão do assunto que desejava tratar, antes um simples bordejar do artigo intitulado **Alminhas**, da autoria de Maria Lúcia Miranda Baptista, inserto na página 13 do número festivo, de repique solene, comemorativo do 4.º aniversário glorioso do **Boletim**.

A delicadeza feminina de todo o artigo, tão finamente sentido e cristãmente pensado, poreja de todo ele e o casto e penetrante olor que dele se esvai, balsamiza, como nardo, as almas dos que lêem.

E não deve ter havido um só leitor habitual deste «boletim», que ocupa lugar destacante entre as congêneres publicações, que não tenha sorvido os doces eflúvios espirituais e místicos rescendentes do coração enternecido da escritora. Não será ela a suave companheira do director do «boletim»?

Eu que tive a honra de, em vários números, aqui escrever artigos sobre o tema da campanha que ergui e jamais larguei — da campanha empolgante dos corações cristãos e das almas bem formadas, campanha simplesmente poética, campanha patriótica de embelezamento espiritual de estradas e caminhos, campanha recristianizadora, que unge as cidades como as aldeias de ternura compassiva para com os nossos que, **forçados da fatal necessidade**, como disse Camões, nos procederem na caminhada para o Além — eu sinto grande prazer sempre que vejo colaboradores para a cruzada em que, todos não somos de mais.

E a campanha, se não atingiu, em extensão e profundidade, todos os recantos da terra portuguesa, já foi, porém, aos confins do mundo português nas cinco partes do mundo e em todas elas, incluindo América com o Brasil, se erguem nichos; dezenas, muitas centenas... milhares, sem falar no restauro e carinho de nichos abandonados.

Hoje, há nichos de alminhas, que são verdadeiros monumentozinhos, obras de arte até.

Há nichos, como o de V. F. de Xira, construído pela Ex.ª Câmara Municipal, que rendem para missas cerca de 800\$00; como o da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no Rio, que sustenta uma missa vespertina diária pelas almas. Muitos milhares de missas despejam refrigério a tantas esquecidas e abandonadas almas, só queridas de Deus.

Conseguiu-se a atenção de muitos particulares distraídos para a grande causa, que o é de nós todos e conseguiu-se o próprio interesse e simpatia das estâncias superiores, autarquias, associações, autoridades, Governo.

Que belo não é, por exemplo, a determinação do Ministro dos Negócios Estrangeiros aos Embaixadores e Cônsules, em qualquer parte do mundo em que Portugal tenha estes representantes, de rogar-lhes compreensão e dedicação pela causa das portuguesíssimas **Alminhas**?

E outros factos consoladores, de que em nova publicação darei conta.

Não é belo, por exemplo que se tenham esgotado em pouco mais de dois anos cerca de 14.000 exemplares do meu livro «Alminhas, padrões de Portugal cristão», tendo levado pouco mais de seis meses o esgotamento de três edições

Malhas TEBE

«Eu tive, tiveste, teve...»

— Não é assim que se diz...

Ninguém diga neste mundo

Que sem ter já foi feliz!

Ninguém diga que já teve,

Se não teve, como deve,

Como precisa de ter

Os bons artigos da TEBE!

Se não tem combinações

De seda e Nylon da TEBE

Não nos diga que já teve

E tem tudo quanto deve...

Pots não tem o que lhe falta,

Além das combinações,

Pull-overs, dos mais perfeitos

Camisolas e Blusões.

Diga comigo, leitor,

Que eu ensino-o como deve

Dizer bem esta palavra:

TEBE, TEBE, TEBE, TEBE!

Um colaborador de

«O PONNEY»

sucessivas? Vem aí um livro com muitas dezenas de desenhos e fotos, produto do carinho e do talento de apóstolos votados à obra, que não pára e que repovoa de alminhas toda a terra portuguesa, no continente, nas ilhas e nas províncias ultramarinas, em Portugal de Aquém e de Além-mar, em África, Ásia, América, Europa e Oceania.

Que se lhe vote o mesmo interesse e que ele circule, numa expansão de felicidade.

E que surjam, a financiar a sua publicação e a dar paz ao seu promotor e autor algumas substanciaosas ajudas materiais. Quantas causas morrem à mingua, mesmo as excelentes como esta, só porque não há dinheiro para elas! Enquanto milhares de contos improdutivos ou mal gastos são óbice ao alastramento do bem ou, pior, dão asas aos agentes da perversão e ruína das almas, da Fé e da moral.

Ajudai a 5.ª edição de «Alminhas» e a publicação dum álbum de fotografias e desenhos de lindos nichos, que muito irão contribuir para vigorizar e fecundar a cruzada.

Avante pelas **Alminhas** de Portugal.

Francisco de Babo



O MUNDO PELA IMAGEM

PARAGUAI — Jericada com mulheres do povo em seus trajos típicos